

O CINEASTA

Nos degraus da igreja antiga, capuz cobrindo a cabeça, o cineasta bebe um vinho claro, espreia os olhos pelo arraial.

As raparigas passeiam e riem-se. Outros dormem à sombra das árvores. A aldeia é pequena. Vendem-se alhos, pimentos, sorrisos. À beira água, uma donzela penteia-se, os cavalos bebem, um anão chapinha. Cabras, ovelhas, joanas por toda a parte.

O cineasta sorri. Por entre as ruínas observa o rosto das donzelas, a postura dos estropiados, as manigâncias dos pedintes, os sorrisos comerciantes.

CASOS DE VIDA E DE MORTE

Pobre Mateus! Que mania a dele de ir tomar banhos de sol para os rochedos durante a maré alta.

Mas que cisma a do Inácio: atravessar todas as pontes que lhe apareciam pela frente. Logo a última, naquela tarde de vento ciclónico, havia de ser a de D. Luiz, entre o Porto e Gaia.

Que saudades tinha o Sousa de andar de eléctrico. Nessa tarde de Verão e de turistas, perdeu a última oportunidade de matar saudades. Atravessou os carris para apanhar o eléctrico e a fazer sinal de paragem ao guarda-freio. Desequilibrhou-se quando o veículo acabara de arrancar.

Tomé não teve tempo de ver, muito menos para crer – pois dormia profundamente a sesta, no jardinzinho da casa de praia, a digerir o bem regado cozido do almoço. Foi na tarde em que se deu o tsunami.

A seguir ao jantar, Danúncio mandou servir um cálice de aguardente velha e acendeu um havano. Teve tempo para inalar, com delícia, o perfume da bebida e do tabaco. Depois, as luzes apagaram-se-lhe. Para todo o sempre.

O Prata e aquela obsessão pelos metais preciosos! Ainda para mais, um acumulador. Ele eram pulseiras, anéis, brincos, fios e colares, ele eram arrecadas, tiaras, libras, alfinetes de peito, botões-de-punho, relógios, um não acabar de peças de ouro e de prata, e algumas poucas de platina. Tudo aferrolhado em cofres, guarda-jóias, arcas, gavetas e gavetões, cómodas e armários e até nos móveis da cozinha do seu apartamento, que ficava no terceiro andar de um decrépito casarão setecentista. Até chegar o dia em que a madeira do sobrado, apodrecida e roída pelo caruncho, cedeu. E tudo desabou pesadamente no piso inferior: o Prata mais os móveis, os baús e as caixas, a abarrotar de peças de metal. Quando os bombeiros chegaram, encontraram-no de boca aberta e olhos baços, fixos no buraco do tecto, sob um enorme guarda-fatos dos antigos atulhado de guarda-jóias. Pela janela do andar onde caíra, entrava o sol do início da tarde e um raio de sol, incidindo na boca, fazia brilhar três coroas de

ouro do defunto: a dum canino e as duns pré-molares superiores.

Acúrcio não conseguia resistir a uma travessa de rojões à moda do Minho uma vez por semana. Nesse dia, ainda fez o pedido no restaurante do costume, serviu-se da travessa para o prato, mas não chegou a levar à boca a garfada inaugural.

A dívida de Joca era já considerável. Mesmo assim, insistia em atravessar o Bairro das Piranhas no seu carro de jantes modificadas e escape-aberto. Nessa noite, não chegou ao outro lado.

O Correia e a sua velha mania de trepar às árvores! Era coisa que lhe ficara da infância. Mas aquele plátano era alto de mais. Ele próprio o terá comprovado, quando o ramo em que apoiara os pés se quebrou.

O bom do Simas! Que paixão a dele pelo Futebol Clube do Porto e pelo S. João. O caldo verde, adubado com azeite e com a chouriça, descera em escassos minutos. A travessa das sardinhas esvaziou-a vorazmente. Os pimentos assados tiveram o mesmo destino. A «fartura» da sobremesa, porém, quedou-se-lhe vacilante entre os gordos dedos

engordurados, no exacto momento em que a luz dos olhos se lhe apagou. Tinha começado o fogo de artifício na velha Ponte de D. Luiz.

Não havia quem fizesse o Sandro desistir da pesca, no barquito. Até ao dia em que uma rajada mais forte do vento desviou para as suas carótidas a linha e o anzol dum amigo, durante um lançamento.

Que ritual o do Licínio, de subir a todas as torres para contemplar as paisagens e aproveitando para comer uma sandes de presunto. Na última torre, não chegou a recompor-se do gasto de energia provocado pela subida: uma gaivota levou-lhe a sandes que ele desgraçadamente não quis largar.

Ninguém demovia o Domingos da caça submarina. Jamais imaginaria que os efeitos das alterações do clima desviassem até à sua velha praia algarvia aquele enorme tubarão, a quem bastou abrir a grande boca.

Nem a caminhar na rua, o Ilídio desvia os olhos do ecrã do telemóvel. Acabou caindo num buraco de saneamento aberto, sem que algum dos funcionários tivesse tempo de colocar o aviso de

obras e de se aperceber do drama. Eram dias de fortes chuvadas e enxurradas. Acabaram por encontrar o cadáver já na ETAR.

Muito embriagado, vencida a noite, que fora tremenda, o Armindo terminou a dormir num contentor de lixo orgânico. Nem os cantoneiros da limpeza deram por ele, ao ser despejado para dentro dum camião compactador de resíduos durante a madrugada. Na verdade, nunca mais foi visto. Deram-no como desaparecido.

Ao Justino não chegaram setenta anos para ler todos os milhares de livros que fora adquirindo ao longo da vida. Com a queda de uma das estantes maiores sobre o seu corpo, o problema encontrou enfim solução. Na biblioteca da eternidade, dispõe agora de todo o tempo imaginável para ler.

Quarenta anos a trabalhar para a reforma, e a comunicação oficial finalmente chegara-lhe à caixa do correio. Pobre Rufino! Nesse dia ainda partilhou a última ceia, mas já não saboreou a sobremesa.

Luciano sempre ostentara uma trunfa loira e uma grossa barba, dourada também. Havia na sua cabeça,

no seu rosto de olhos claros qualquer coisa de leonino e de solar. «Parece um candeeiro aceso», comentava quem o conhecia. Além do mais, a carreira de electri-cista apaixonara-o. Mais tarde, a formatura em enge-nharia electrotécnica, como estudante-trabalhador, consagrara-o junto dos amigos como o «homem eléctrico». Os seus préstimos eram por isso requisi-tados, a toda a hora, por gente necessitada de repa-rações urgentes em instalações domésticas, às vezes tão degradadas que Deus nos livre... Foi por isso com geral consternação que, no bairro, se soube que lá se finara, a fazer mais um jeito em casa de pessoa amiga, com as mãos agarradas a um quadro eléctrico que, segundo os vizinhos do lado, se encontrava em situa-ção «muiiiito complicada e perigosa».

Jacinto tanto vasculhou os céus com os olhos, naquela tarde tórrida de 13 de Maio, na Cova da Iria, que a aparição da hérvia discal se tornou realidade e se instalou na sua coluna para todo o sempre.

Ninguém imaginaria que a viagem em balão ter-minasse daquela maneira, com um drone, surgido repentinamente, a rasgar por completo o nylon. Muito menos contava com aquilo o Cardoso, que a organizara e a dirigia com fins turísticos.

O Cunha e aquela mania de meter cunhas a torto e a direito, para primos e sobrinhos. Não imaginava era que o administrador do banco, a quem nessa tarde pediu um favorzinho para a sua própria pessoa, pertencesse à Cosa Nostra.

– Aonde irá o Otílio com aquela pressa toda, tão metido em si e tão agarrado à beata que nem repara nos amigos? – perguntavam-se três deles, sentados no banco do jardim público, aovê-lo passar.

A pergunta quedaria sem resposta. E era inútil. Pois o Otílio nem para o semáforo olhou. Atravesou no vermelho, no preciso momento em que o autocarro de dois andares ia a passar.

O Rolando e a sua funesta paixão por carros de desporto. Tudo corria bem até ao dia em que insistiu em ir experimentar o novo Porsche para as curvas do Mónaco.

Ao Silveira alguém conseguia tirar da cabeça a ideia de trabalhar como engenheiro silvicultor em floresta tropical? Pois sim. Até àquela tarde em que, exausto do trabalho, resolveu fechar os olhos e pousar a cabeça, por meia hora, no colo de uma frondosa planta – que só mais tarde viria a verificar-se ser carnívora.

Numa vincada expressão da sua palidez e magreza, de cabelos escorridos e grossas lentes nos óculos, o velho Coval, que sempre amara os livros, observava as estantes da sua biblioteca e meditava gravemente: «Na literatura portuguesa, há títulos que apetecem: *O noivado do sepulcro*, de Soares de Passos, *A caveira da mártir*, *O sarcófago de Inês* e *O esqueleto*, de Camilo Castelo Branco, *Ossadas*, de Afonso Duarte, *A peste no seu esplendor*, de José Viale Moutinho, *Que túmulo em que talhão*, de João Moita...»

Índice

5	O CINEASTA
6	CASOS DE VIDA E DE MORTE
14	MEMÓRIA DE ELIZABETH TAYLOR
15	BARCELONA – GAUDÍ, CASA BATLLÓ
16	TEMPOS LIVRES
17	O HOMEM QUE QUERIA CONHECER O MUNDO
19	O ININTELIGÍVEL
20	SENSATEZ
21	MEMÓRIA DE DRUMMOND
22	POETA
23	VERTIGEM
24	A VOZ
25	O PRÍNCIPE
26	DA LIBERDADE
28	O REI E O ÍNDIO
29	DECESSOS
30	MONÓLOGO OFTALMOLÓGICO
31	O ESPÍRITO LIVRE
32	A GRANDE PERSONAGEM
33	O BAPTISMO
34	O DECAPITADOR
35	JANELA DE OPORTUNIDADES
36	O CURTO-CIRCUITO
38	MOMENTO
39	TOQUE DE TELEMÓVEL

40	APÓLOGO (I)
42	APÓLOGO (II)
45	APÓLOGO (III)
46	O ANULADO
48	SUPORTE DE VIDA
49	A SELVA
51	HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL EM 3 MINUTOS
54	A PLANTÓFAGA
55	PERSONAGEM: O DE BOA MEMÓRIA
56	PERSONAGEM: O EDUCADOR SOCIAL
57	ÁLVARO
59	STUTTGART
60	JOÃO, O LEITOR E O FEIJOEIRO MÁGICO
62	O PEIXE VERMELHO, O TRACTOR LUNAR E A LARANJA AZUL
63	O HOMEM QUE TINHA PERDIDO A LÍNGUA
68	GATO E MELRO
69	A NATUREZA VENCEU
70	O TRAGA-CORPOS
71	A VACA À BEIRA DA ESTRADA
72	PRETÉRITO QUASE PERFEITO
74	O SONHO REALIZADO
75	OS MENINOS AFOGADOS
76	A BIBLIOTECA CONTAMINADA
77	AS OBRAS COMPLETAS
81	O PAÍS SEM GOVERNO
82	A ALTA INDIVIDUALIDADE
83	BIOGRAFIA
85	IDEIA PARA UM LIVRO
88	A CROMAGEM
89	DESISTO?
90	O LIVRO